

## CAPISTRANO DE ABREU E A AMAZÔNIA

---

### À Memória de Fernando Guilhon

EIDORFE MOREIRA

Embora nascido numa região vizinha da Amazônia, para onde têm vindo tantos dos seus conterrâneos, Capistrano de Abreu nunca veio à nossa região. Pode-se dizer mesmo que o Extremo-Norte foi a única das divisões naturais do Brasil que ele não conheceu pessoalmente. Chegou no Extremo-Sul até os pampas, esteve no Extremo-Oeste até as raias da Bolívia, tendo percorrido também grande parte da região do São Francisco. Isto naturalmente sem falar no Nordeste, onde nasceu e iniciou a sua formação.

Note-se que não foram poucos os intelectuais da sua terra que emigraram para a Amazônia ou pelo menos passaram aqui uma parte da sua vida. Estão aí os casos de Farias Brito, Justiniano de Serpa, Domingos Olímpio e tantos outros. Ele mesmo teve aqui um parente e cogitou por três vezes de vir à região. A primeira vez em 1895, com o fim de estudar as línguas dos índios Apiacás e Crixanás, conforme comunicação sua ao Barão do Rio Branco, em carta datada de 22 de junho do mesmo ano; a segunda em 1899, como se depreende de uma carta que lhe dirigiu seu amigo Júlio de Almeida, residente em Manaus; e finalmente a terceira em 1918, a convite de Bertino Miranda, de cujo convite deu ciência a Martins Francisco, em carta de 11 de novembro do referido ano.

Não são porém essas cogitações ou tentativas de viagem à Amazônia que provam e dão a medida do seu interesse pela região, mas os seus livros e a sua correspondência, esta última sobretudo, onde vamos encontrar fundidos e consubstanciados o homem e o escritor.

Realmente, seus livros refletem apenas suas qualidades e dimensões como escritor, ao passo que suas cartas tanto nos falam da sua cultura como da sua pessoa, permitindo-nos assim uma visão mais abrangente do seu modo de ser, de sentir e de pensar. Daí a importância dessas cartas “para singularizar e caracterizar a pessoa tão genuinamente brasileira e tão intensamente original de Capistrano”, como frisa muito bem José Honório Rodrigues no prefácio da correspondência do grande historiador.

Escusado portanto será dizer que o presente trabalho se baseia sobretudo nessa correspondência (*Correspondência de Capistrano de Abreu*, Instituto Nacional do Livro, 3 volumes, 1954/6), não obstante outras obras do insigne escritor nos terem sido indispensáveis também no caso.

Inicialmente, convém salientar que o interesse de Capistrano pela Amazônia não se limitava apenas ao campo da História, seu campo predileto de estudos e pesquisas; estendia-se também a outros aspectos ou setores da vida regional, algumas vezes com objetivos científicos ou culturais, outras por mera curiosidade.

No plano histórico, a Amazônia está presente em quase todas as suas obras, embora não constitua objeto especial de nenhuma delas. Figura, em largas pinceladas, nos seus famosos *Capítulos de História Colonial*, sobretudo nos intitulados “O Sertão” e “Formação dos Limites”; acha-se também em dois capítulos de *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, no que dá título ao livro e no que se refere à viagem de Francisco de Melo Palheta ao Madeira.

Porém sua página mais notável e erudita sobre a história regional são os “Prolegômenos” ao quinto livro da *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador, onde ele traçou a mais

brilhante síntese jamais escrita sobre a conquista da costa setentrional do Brasil (“Costa Leste-Oeste” como se convencionou chamar) pelas armas lusitanas.

Convém lembrar que o seu ponto de vista sobre a data da chegada de Castelo Branco ao lugar onde seria Belém suscitou viva reação nos meios paraenses. Achava Capistrano que o fundador da cidade chegara a seu destino a 11 ou 12 de janeiro de 1616, “digamos 11 para fazer coincidir esta data com a do trucidamento de Francisco Pinto, oito anos antes” — opinava por fim ele nos citados “Prolegômenos”.

“Palavras tão simples saíram-me caro nas ribeiras do Guajará” — disse depois a Afonso Taunay em carta datada de 6 de maio de 1923 (*Correspondência*, v. I, p. 334). Houve sem dúvida inadvertência da sua parte no caso, mas a reação que se depreende ter havido refletiu por certo o clima polêmico então reinante na capital paraense a respeito da data da sua fundação, cujo tricentenário ocorrera poucos anos atrás.

Para Capistrano, o Brasil era um campo de gravitação historicamente unificado, de modo que a sua visão da Amazônia estava em função desse campo gravitacional. Ela figura aí como palco de uma conquista, isto é, como parte integrante de um processo de deslocamento de fronteira, que não é senão uma forma de unificação desse campo em termos políticos.

A Capistrano se deve igualmente a descoberta de alguns documentos importantes para a história amazônica, e quando não a descoberta material pelo menos a indicação da sua importância. Foi ele que revelou o documento relativo à bandeira de Melo Palheta ao Madeira, publicado por sua iniciativa em 1884 na *Gazeta Literária* do Rio de Janeiro e enfeitado depois em *Caminhos Antigos* e o *Povoamento do Brasil*. Coube-lhe também a iniciativa de mostrar a importância do documentário contido no *Livro Segundo do Brasil*, cujo manuscrito se achava na biblioteca de Eduardo Prado. Isto sem falar na *História* de Frei Vicente supramencionada, de que foi

descobridor e coordenador, e onde faltam infelizmente os capítulos mais interessantes relativos ao Pará.

Não só no plano histórico, mas também no geográfico, Capistrano se interessou vivamente pela Amazônia. Não obstante o título e o objeto dos *Capítulos de História Colonial*, sua obra-prima como síntese da História do Brasil, o capítulo inicial dessa obra é eminentemente geográfico e nele a Amazônia figura como um dos quadros naturais do País.

Martius, Agassiz, Herbert Smith, Derby e Goeldi foram as suas grandes fontes nesse terreno, sendo que os três últimos mantiveram estreitas relações de amizade com ele. Martius, contudo, era o seu predileto, pois considerava *Viagem pelo Brasil* como o melhor guia sobre a região. “Que livro admirável, que esplêndido companheiro!” — exclama ele em carta de 19 de dezembro de 1917 a João Lúcio de Azevedo (*Ibidem*; v. II, p. 78).

João Netkens de Matos e Luiz Sombra, bem como um parente seu, que não conseguimos identificar, forneceram-lhe igualmente informações importantes sobre a região, destacando-se no caso as informações do primeiro sobre os rios Juruá, Purus, Maué - açu e Andirá (*Ib.*, v. III, pp. 113/119).

Na medida em que refletiam aspectos da paisagem amazônica, certas obras literárias despertaram-lhe também interesse neste particular, como *Cenas da Vida Amazônica*, de José Veríssimo, *Inferno Verde*, de Alberto Rangel, *Amazônia Misteriosa*, de Gastão Cruels, e outras semelhantes.

A respeito desta última, ele escreveu ao autor: “Agradeço a remessa d’ *A Amazônia Misteriosa*. Li-a em menos de vinte e quatro horas. Algumas páginas encantaram-me particularmente. A rapidez da leitura traduz bem a impressão geral. O emprego de termos regionais denota muito tato e muito gosto” (*Ib.*, v. III, p. 99)

Da avifauna amazônica, que conhecia muito bem através da obra de Emílio Goeldi, tomou o jaburu como símbolo do Brasil. Neste sentido, diz ele em carta a João Lúcio de

Azevedo: “Mais de uma vez quis escrever a ele (Manuel Barata) e a Goeldi, pedindo a fotografia da ave que para mim simboliza nossa terra. Tem estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas e passa os dias com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera, apagada e vil tristeza: é muito sua conhecida com certeza. A imagem do jaburu não me deixa, quando o trem roça os cafezais sem conta, calcando a terra roxa que os alimenta.” (*Ib.*, v. II. p. 21).

Capistrano de Abreu foi um dos primeiros a combater o mito ufanista das riquezas amazônicas, inclusive no que respeita à fertilidade das suas terras, e esta restrição ele estendeu também aos solos do Brasil em geral. Em duas das suas cartas ao referido amigo e correspondente ele feriu o assunto, sendo que numa delas em tom irônico: “A mais fértil terra do mundo... Aonde? Não na Amazônia, aonde, raspada uma camada de mateiro, bate-se na esterilidade. Nos outros Estados é quase invariavelmente o mesmo.” (*Ib.*, v. II, p. 234).

Também como campo e objeto de estudos etnológicos Capistrano se interessou pela Amazônia, tanto assim que foi com índios da região que ele efetuou as suas duas grandes pesquisas nesse terreno, a primeira com um índio bacairi já civilizado vindo do Rio Paranatinga, afluente do Tapajós, e a segunda com dois caxinauás, igualmente já civilizados, oriundos do Acre. O que Karl von den Stenzen e Koch Grunberg disseram sobre suas atividades nesse campo é o que há de mais honroso para ele e o melhor atestado do valor das suas pesquisas.

Capistrano se interessou de tal modo por essas pesquisas, que chegou a cogitar de abandonar a História pela Etnologia, como se depreende das seguintes palavras dirigidas ao seu velho amigo Guilherme Studart: “Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mão às labutações históricas.” (*Ib.*, v. I, p. 182).

É curioso como o autor de *Capítulos de História Colonial* atribuía origem amazônica a certos usos e costumes, tais como o emprego do umbigo de boi como chibata e a prática da divi-

são por igual de qualquer coisa, lucro ou compromisso. A respeito do primeiro chega mesmo a perguntar se o seu emprego não teria surgido com a Cabanagem (*Ib.*, v. II, p. 383), e em relação ao segundo emprega a expressão *more amazonico* (*Ib.* v. II, p. 351).

Note-se também que ele costumava empregar vez por outra termos amazônicos na sua correspondência, algumas vezes como puros qualificativos (marupiara, panema, etc.), outras como recursos metafóricos. O temperamento e a combatividade de Martim Francisco, por exemplo, velho amigo com o qual andava sempre às turras, lembravam-lhe a pororoca, e foi com esse termo que se referiu a ele em carta a João Lúcio de Azevedo (*Ib.*, v. II, p. 367). Ao salientar o caráter abstruso da *Corografia* de Melo Moraes, ele a chama de “siriubal” (*ib.*, v. II, p. 19), e a propósito da obra de Gama Barros, o historiador português, ele achava que poucos a leriam, “porque é maçaranduba legítima do Pará” (*Ib.*, v. II, p. 345).

Até mesmo a culinária regional interessou a Capistrano, pelo menos no que respeita a certos ingredientes ou temperos dessa culinária, como por exemplo o tucupi. Para a obtenção deste, valeu-se de José Veríssimo e de Manuel Barata, sendo possível mesmo que se tenha valido de outras pessoas, dada a sua predileção por molhos.

Não esqueçamos também as relações de amizade do insigne cearense com pessoas da região, poucas mas selecionadas: José Veríssimo, Manuel Barata, Bertino Miranda e algumas outras mais, inclusive Emílio Goeldi e João Lúcio de Azevedo, que embora estrangeiros vincularam-se à região pelas suas atividades e natureza dos seus trabalhos. De Emílio Goeldi traduziu, diretamente do manuscrito alemão, *Os Mamíferos e As Aves do Brasil*; com João Lúcio, já então em Portugal, manteve intensa correspondência durante 11 anos, com interessantes e freqüentes referências à Amazônia.

Porém suas ligações mais estreitas e pessoais foram com José Veríssimo, depois da chegada deste ao Rio. Poucos sen-

tiram e acompanharam tão de perto as dificuldades financeiras e as decepções do seu amigo como Capistrano. Quando morreu Veríssimo, escreveu ele a João Lúcio: “A tão velho e querido amigo não preciso lembrar o que valia. Comecei a conhecê-lo depois de sua mudança para o Rio, e não posso conformar-me com a idéia de que não mais tornarei a encontrá-lo. Muitas vezes nossas opiniões e atitudes divergiam inteiramente, mas os laços de boa amizade nunca afrouxaram e a intimidade foi sempre crescendo mais forte.” (*Ib.*, v. II, p. 9).

E noutra carta ao mesmo correspondente faz este curioso reparo sobre o amigo falecido: “Ainda me lembro da primeira vez que o vi: considerei-o um paraense do tipo mais genuíno; fiquei espantado ao saber que de paraense não tinha um pingo de sangue, pois a mãe era do Sêrro e o pai de Mangaratiba ou Angra.” (*Ib.*, v. II, p. 11).

Como se vê, a Amazônia interessou a Capistrano de Abreu de vários modos e por diferentes motivos: a história, o quadro natural, as gentes, os costumes, etc. Ela tanto está presente nos seus livros como nas suas cartas, sem que isto importe na preeminência temática da região sobre outros assuntos ou setores por ele estudados. Por força do seu temperamento e em razão dos seus princípios, ele jamais seria um “amazonófilo”, no sentido ufanista ou convencional do termo, mas nem por isso o seu interesse pela região deixou de elevá-la a um plano significativo na sua vida e na sua obra.

“A Província do Pará” de 2-5-76.